

CULTURA, ARTE E COMUNIDADE:

Uma Análise do Impacto das Ações do Coletivo Jenipapo em Foco - Em um Bairro de Recife - PE

Ana Luiza do Nascimento Vieira¹
Jakson Matheus Silva de Oliveira²
Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo³

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender o impacto das ações culturais e artísticas promovidas pelo Coletivo Jenipapo em Foco nas relações sociais dos moradores do bairro do Córrego do Jenipapo, em Recife, Pernambuco. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, utilizando entrevistas semiestruturadas com dois membros do coletivo: um dos fundadores e um dos idealizadores do projeto de grafiteagem *Spray de Barro*. Adicionalmente, foram entrevistadas duas moradoras cujas casas foram grafitadas como parte de uma intervenção artística. Os resultados indicam que o coletivo exerce um papel de liderança no bairro, contribuindo para o fortalecimento das relações comunitárias e promovendo a inclusão social por meio da arte e cultura.

Palavras-chave: Coletivo, Arte/educação, Pertencimento, Identidade.

1. INTRODUÇÃO

O Coletivo Jenipapo em Foco foi fundado em 2014 no bairro do Córrego do Jenipapo, no Recife, Pernambuco. Atuando inicialmente como um projeto de jornalismo comunitário, passou a organizar, ao longo dos anos, ações culturais e sociais. O Coletivo planeja ações e eventos para o Carnaval, São João, Dia das Crianças, além de oficinas de grafiteagem e sessões de cinema comunitário. Um dos eventos de maior destaque foi o festival Favela Cultural, que, apesar de ter ocorrido apenas uma vez, envolveu diferentes artistas locais.

O Jenipapo em Foco valoriza a inclusão social em seus objetivos, não possuindo vínculos partidários, mas ocupando um papel ativo no Conselho de Juventude, além de ter parcerias com instituições como SESC, o que fortalece sua atuação.

¹ Concluinte 2024.1 do Curso de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE – ana.luiza@ufpe.br

² Concluinte 2024.1 do Curso de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE – jakson.oliveira@ufpe.br

³ Professor associado do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino - Centro de Educação - UFPE (Orientador) - fernando.gazevedo@ufpe.br

Nossa principal motivação para este tema surgiu durante a disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica 5 (PPP 5), o estágio obrigatório curricular do Curso de Pedagogia na UFPE, no qual pudemos conhecer melhor a comunidade e, conseqüentemente, o coletivo e sua importância. Tais experiências nos levaram à seguinte indagação: como as iniciativas promovidas por um coletivo, sejam elas culturais, artísticas ou sociais, podem impactar a dinâmica comunitária?

Adicionalmente, a admiração pela arte produzida nas comunidades e a compreensão de que essas expressões artísticas são uma forma de construir e reafirmar identidades e o sentimento de pertencimento também motivaram esta pesquisa. Nesse contexto, observamos que, muitas vezes, no fazer docente, o ensino não se torna significativo para os estudantes, possivelmente pela falta de conexão dos docentes com as raízes culturais e sociais dos alunos.

Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo geral compreender o impacto das ações culturais e artísticas promovidas pelo Coletivo Jenipapo em Foco nas relações sociais dos moradores do bairro do Córrego do Jenipapo, no Recife, Pernambuco. Buscamos, especificamente: a) investigar como as interações com as artes e culturas visuais são utilizadas pelo Coletivo Jenipapo em Foco para fomentar o envolvimento político e social na comunidade, proporcionando uma compreensão mais profunda sobre o papel da expressão artística neste contexto do bairro. b) identificar as práticas do Coletivo Jenipapo em Foco, descrevendo as estratégias adotadas para defender os interesses dos residentes do Córrego do Jenipapo. c) Sistematizar as práticas do Coletivo Jenipapo em Foco, fornecendo *insights* sobre a eficácia das mesmas e seu alinhamento com os objetivos do coletivo.

Nossa hipótese foi que as ações do Coletivo Jenipapo em Foco desempenham um papel significativo de transformação social e cultural nas relações dos moradores do bairro do Córrego do Jenipapo desde o seu surgimento.

Para analisar e interpretar nossos resultados, nosso aporte teórico principal contou com Azevedo e Araújo (2015) e Barbosa (1989; 1991; 2010) para compreender a importância da leitura de imagens e como elas podem ser disseminadas através das culturas e artes visuais; Hooks (2020; 2022) para a compreensão da importância do pensamento crítico e do sentimento de pertença;

Vieira (2018) e Pichon Rivi re (1977) para a compreensão das origens do coletivo e das relações interpessoais em um grupo.

A seguir, discorreremos sobre algumas questões teóricas que fundamentam nossa pesquisa e apresentamos a metodologia do estudo e, em seguida, a análise dos resultados e algumas considerações.

2. ARTES E A IMPORTÂNCIA PARA FORMAÇÃO INTEGRAL DO INDIVÍDUO NOS COLETIVOS

As diversas formas de expressão artística desempenharam papéis significativos ao longo da história, servindo tanto como instrumentos de controle social e político quanto como veículos de liberdade, resistência e expressão individual. Ao explorarmos essas raízes identitárias e destacarmos a importância da valorização da imagem, conforme ressaltado por Barbosa (1989), iniciamos o processo de aprimorar o olhar das pessoas para as memórias e culturas visuais presentes na comunidade, possibilitando a percepção das histórias não contadas.

Seja nas artes c nicas, literatura, música ou nas culturas e artes visuais – foco de nossa pesquisa no Coletivo Jenipapo em Foco –, essas manifestações sempre estiveram presentes nos diversos momentos históricos da humanidade, moldando a construção e transformação das sociedades.

Durante a ditadura militar de 1964, no regime nazista alemão, na contemporaneidade por meio das m dias sociais ou mesmo por meio de expressões como o grafite nas comunidades, a linguagem visual emerge como ferramenta essencial para a transformação social e a elaboração de culturas visuais, sejam elas emancipatórias ou opressoras.

Em comunidades com índices alarmantes de violência e analfabetismo visual, é crucial desenvolver o olhar crítico das pessoas para decodificar o mundo ao seu redor, interpretando o significado das imagens e das culturas visuais presentes nas ruas, nas telas de cinema, nos anúncios publicitários, na arte de rua e em outras diversas formas de expressão artística.

Somente desta forma é possível combater os conceitos de arte oriundos da visão das artes visuais como "belas artes", "arte erudita" ou "arte maior", em contraposição à ideia de "artes menores" ou "artes populares". A própria denominação de folclore e artesanato já vem carregada de preconceito. O termo "folklore" foi utilizado para representar a arte "do outro", daquele que não tinha acesso às camadas mais eruditas da sociedade; e o termo artesanato tem sido vinculado à ideia da reprodução sem criação, ou sem uma maior perfeição técnica. (Richter, 2003, p. 24)

No entanto, a arte/educação surge como um campo de conhecimento e prática que busca democratizar o acesso à arte e promover a formação integral do indivíduo. Ana Mae Barbosa, uma das pioneiras da arte/educação no Brasil, defende a integração da arte no processo educativo como forma de estimular a criatividade, o senso crítico e a sensibilidade. A partir da década de 1980, Barbosa difundiu o conceito de arte/educação e elaborou a Abordagem Triangular, que se tornou um marco no ensino de artes no país.

A Abordagem Triangular, proposta por Barbosa (2010), fundamenta-se em três pilares: a apreciação artística, a contextualização histórica e a produção artística. A apreciação artística envolve o desenvolvimento da capacidade de observar, analisar e interpretar obras de arte, apreciando a diversidade de estilos e expressões. A contextualização histórica, busca situar a obra de arte em seu contexto social, cultural e histórico, compreendendo as relações entre arte e sociedade. A produção artística, por sua vez, estimula a criatividade e a expressão pessoal, proporcionando aos alunos a oportunidade de experimentar diferentes técnicas e materiais. Esses pilares, interligados, proporcionam uma experiência completa oferecendo uma perspectiva valiosa para promover a compreensão e apreciação das artes, capacitando as pessoas a interpretar e participar ativamente do mundo visual que as rodeia, conforme Barbosa (1991).

Poderia dizer que o futuro da Arte-Educação no Brasil está ligado a três propostas complementares: uma primeira proposta seria o reconhecimento da importância do estudo da imagem no ensino da arte em particular e na educação em geral. A necessidade da capacidade de leitura de imagens poderia ser reforçada através de diferentes teorias da imagem e também da relação entre imagem e cognição. (Barbosa, 1989, p. 181)

Aprender por meio da arte, como afirma Matuoka (2018), é essencial para uma educação integral, pois mobiliza aspectos afetivos e emocionais, essenciais para a formação humana, fortalecendo a interconexão entre cultura e comunidade a partir da criação de laços. Os coletivos, por sua vez, atuam como estes espaços de encontro, criação e valorização dos artistas e da arte local.

Ao reconhecermos a importância das artes e da arte/educação, percebemos que a atuação dos coletivos é fundamental para, talvez, catalisar esse despertar da consciência crítica. De acordo com Pichon Rivière (1977), os grupos conseguem trabalhar para transformar a realidade, e a ideia de coletivos se encaixa nesse viés. Os coletivos surgiram na década de 1960 com o movimento de contracultura. Este termo surgiu por meio da imprensa norte-americana por se tratar da negação da cultura imposta pela sociedade, pois esse movimento buscava romper os padrões culturais dominantes.

Atualmente, os coletivos mantêm uma relevância substancial, caracterizando-se por uma diversidade de ideais e uma abordagem estratégica na execução de suas ações. Isso implica que as iniciativas coletivas não apenas refletem um leque variado de experiências e criações inovadoras, mas também demonstram uma metodologia consciente e eficaz. Conforme destacado por Vieira (2018), os resultados alcançados por esses grupos são diretamente influenciados por um processo cuidadoso de planejamento, organização e execução.

Os coletivos assumem um papel preponderante ao criar ambientes propícios para o diálogo, a reflexão crítica, a criação artística e a compreensão dos elementos que movem a sociedade. Promovem uma educação artística holística e proporcionam experiências significativas, indo além do ensino de técnicas para explorar o potencial transformador das artes na comunidade.

3. COLETIVO JENIPAPO EM FOCO: CULTURA E COMUNIDADE

Em contraste com a abordagem convencional de artes promovidas nas instituições educacionais, nossa pesquisa segue um caminho alternativo, abraçando a expressão artística e cultural livre. Defendemos uma abordagem que privilegie a autoridade dos artistas, rompendo com imposições preestabelecidas. De acordo

com Lukács (1965, *apud* Kopanakis & Ferreira, 2015), a arte se conecta às necessidades da vida cotidiana, sendo uma forma de transcender os limites diários, ao mesmo tempo que expressa e transforma a realidade.

Nesse contexto, o Coletivo Jenipapo em Foco, formado por jovens da comunidade do Córrego do Jenipapo, destaca-se por sua organização em torno de ações culturais e sociais. O grupo realiza reuniões estratégicas para promover iniciativas voltadas principalmente para os âmbitos social, cultural e artístico. Essas ações desafiam a visão marginalizada que a sociedade impõe, buscando reconhecimento para as manifestações artísticas que surgem no cotidiano da comunidade.

Com postura autoral marcante, o Coletivo se expressa por meio de grafitegens, festivais com artistas locais e outras iniciativas, alinhando-se ao pensamento de Azevedo e Araújo (2015) e à Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010). Estes autores vêem a Abordagem Triangular como uma teoria pós-colonialista de interpretação das artes e culturas visuais, que defende a reelaboração contínua de práticas artísticas. O Coletivo Jenipapo em Foco por meio de suas ações, não apenas representam esteticamente a cultura local, mas também geram atos políticos de resistência, desafiando as estruturas que marginalizam essas expressões artísticas comunitárias.

Percebemos, portanto, que a interconexão entre cultura, pertencimento e identidade é central para a experiência humana. As expressões artísticas, como as promovidas pelo Coletivo, não apenas criam uma conexão emocional ao espaço, mas também transformam o simples ato de estar presente nele em um sentimento de pertencimento, conforme Hooks (2022) descreve. Assim, as ações artísticas e culturais promovidas geram uma sensação de que o espaço físico se torna nosso, reforçando a construção de identidades individuais e coletivas, pois as pessoas se expressam, se comunicam e se conectam com essas raízes diversas.

Sendo assim, ao entrelaçar diferentes expressões estéticas e modos de pertencimento, o coletivo contribui para a valorização de múltiplas identidades, mesmo diante dos desafios que surgem no cruzamento de tantas histórias e perspectivas.

Outro aspecto importante é que as atividades do coletivo incentivam o desenvolvimento de um pensamento crítico e autonomia pessoal, promovendo um processo contínuo de aprendizado. Através dessas transformações sociais e da escuta, cada indivíduo se torna, nas nossas palavras partindo de Hooks (2020), um eterno aprendiz, navegando por diferentes estações de crescimento e mudança.

Nesse sentido, a arte pode ser vista como um instrumento de promoção da inclusão social e do desenvolvimento comunitário, especialmente em áreas marginalizadas, onde as desigualdades sociais e a falta de acesso a bens culturais são mais evidentes. Ao oferecer oportunidades para que as pessoas se engajem em atividades artísticas e culturais, contribuímos para o desenvolvimento de suas capacidades criativas, o fortalecimento de seus laços comunitários e a promoção da transformação social.

O Coletivo Jenipapo em Foco atua nesse contexto, buscando promover a inclusão social e o desenvolvimento comunitário por meio da arte e da cultura. O grupo desenvolve diversas ações culturais e sociais, como oficinas de grafite, sessões de cinema, debates sobre temas relevantes e eventos culturais. Essas ações possibilitam a participação dos moradores, fortalecendo os laços comunitários e criando um ambiente de diálogo e troca de experiências.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, que, segundo Ludke (1986), busca compreender o processo do fenômeno como um todo, e não apenas seu resultado final. Essa abordagem utiliza dados descritivos obtidos diretamente do ambiente investigado, com foco na interpretação dos significados atribuídos pelas pessoas a suas experiências.

O objetivo principal da pesquisa foi entender como as ações promovidas pelo Coletivo Jenipapo em Foco impactam a vida dos moradores do bairro do Córrego do Jenipapo. Para isso, exploramos em nossa interpretação e análise: os significados, contextos e experiências vivenciadas pelos moradores por meio dessas dinâmicas sociais.

A pesquisa combinou elementos de uma pesquisa exploratória com o método de estudo de caso. Segundo Gil (1991), o estudo de caso implica a realização de uma análise minuciosa e aprofundada de um ou de poucos objetos de estudo, possibilitando a obtenção de um conhecimento abrangente e detalhado sobre eles.

4.1 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

O Coletivo Jenipapo em Foco, formado por moradores do bairro do Córrego do Jenipapo, no Recife - PE, foi escolhido como campo de pesquisa devido à sua atuação relevante há uma década nos âmbitos cultural, social e artístico. O trabalho do coletivo, que utiliza da arte e cultura como ferramentas de transformação social, se mostra especialmente promissor para a compreensão do problema de pesquisa, que busca analisar o impacto das ações culturais e artísticas nas relações sociais e no desenvolvimento comunitário.

A escolha deste campo de pesquisa se justifica, portanto, por sua potencialidade em gerar resultados significativos para o estudo e pincelar a discussão sobre o papel da arte e da cultura na promoção da inclusão social e do desenvolvimento comunitário em contextos de vulnerabilidade social.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados entre os membros ativos do Coletivo Jenipapo em Foco, considerando seu tempo de atuação e participação nos projetos. Foram entrevistados dois membros: o fundador do coletivo, Lucas, formado em Jornalismo e com 30 anos de idade e 10 anos de atuação no Coletivo; e o idealizador do projeto *Spray de Barro*, que não nos informou sua idade e o qual chamaremos de Tiago, pois este optou por manter o anonimato, mas possui cerca de 5 anos de atuação no grupo. A escolha desses sujeitos se justifica por suas participações ativas e conhecimentos aprofundados sobre as ações e o impacto do Coletivo na comunidade.

Além disso, foram entrevistadas duas moradoras do Córrego do Jenipapo, com idades entre 50 e 70 anos, que tiveram suas casas grafitadas pelo Coletivo. A

inclusão dessas moradoras na pesquisa visou obter uma perspectiva breve de não participantes do coletivo, mas que também fossem moradoras da comunidade sobre o impacto das ações do coletivo em suas vidas e no bairro.

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os procedimentos utilizados na coleta de dados foram a observação e a entrevista semiestruturada. A observação, definida por Gil (1999) como “elemento fundamental para a pesquisa”, complementa outros métodos investigativos. Neste estudo, a observação foi utilizada como complemento à entrevista semiestruturada, que, segundo Triviños (1987, p. 146), tem como principal característica a utilização de questões básicas norteadas pelas teorias e hipóteses relacionadas ao tema, permitindo o surgimento de novas hipóteses a partir das respostas dos entrevistados.

O autor complementa afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” (Triviños, 1987, p. 152).

Neste estudo de caso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois membros do Coletivo e duas moradoras da comunidade. E, com a autorização dos entrevistados, foram gravados áudios das entrevistas, transcritos para posterior análise qualitativa. Além disso, foram utilizados instrumentos tradicionais de registros de campo, como anotações e reflexões.

4.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Para análise de dados, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), que consiste em “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis, em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados” (Bardin, 2011, p. 15). Ou seja, uma análise por categorias que seguem as seguintes etapas:

- Pré análise (Leitura Flutuante)
- Exploração do Material (Análise temática)
- Tratamento dos resultados (Categorização)

- Interpretação (Texto dissertativo)

Com esse método, analisamos qualitativamente as entrevistas transcritas e os dados coletados em campo para identificar padrões, temas e significados, codificando as temáticas observadas. Foi realizada uma análise comparativa entre os dados das observações e das entrevistas, buscando identificar convergências e divergências, de acordo com o problema de pesquisa e a hipótese.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados permitiu a identificação de quatro eixos temáticos: (1) Ações Culturais e Comunitárias; (2) Engajamento Social e Parcerias; (3) Educação e Formação Cultural; (4) Identidade e Pertencimento. Esses eixos nortearam a análise e a compreensão do impacto das ações do Coletivo Jenipapo em Foco na comunidade.

5.1 AÇÕES CULTURAIS E COMUNITÁRIAS

Nesse eixo temático identificamos e analisamos as grandes iniciativas culturais e sociais desenvolvidas dentro da comunidade pelo Coletivo, como o festival Favela Cultural, Dia das Crianças, Carnaval, Jenipapoteca e o planejamento futuro de uma Cantata de Natal.

Os dados deste eixo foram coletados a partir da entrevista com o Lucas, fundador do coletivo. Perguntamos em certo momento sobre as ações promovidas pelo Jenipapo em Foco, e ele nos falou brevemente sobre cada uma. A seguir, vamos sistematizar algumas.

Iniciaremos falando sobre o Dia das Crianças, um projeto idealizado desde o início do coletivo, lá em 2014, mas que devido ao enfrentamento de dificuldades em encontrar recursos e estrutura foi colocado em prática apenas em 2015. Neste ano, o coletivo teve apoio de amigos, parentes e seguidores da página no Instagram para arrecadar os fundos necessários para a viabilização do projeto.

Isso demonstra uma grande colaboração comunitária que, além de promover a inclusão a partir da diversão e lazer dessas crianças no dia dedicado a elas,

integra também as famílias daquele bairro, transformando um evento que começou pequeno em algo ainda maior, com distribuição de brinquedos e muitas brincadeiras. O Lucas nos informou que o projeto ainda enfrenta muitos obstáculos, contudo, esse vínculo criado entre o coletivo e os moradores fez nascer essa rede de solidariedade neste e em outros projetos.

Como, por exemplo, o projeto de Carnaval e São João, celebrando a tradição na comunidade e envolvendo dança, música com o Maracatu Nação Tupinambá e DJs locais, um bloco voltado para as crianças, chamado de Sementinha do Jenipapo, criado em 2023, e a quadrilha junina Besta Maga, composta apenas por homens. Esta existia antes mesmo da fundação do coletivo, entretanto, foi renomeada em 2015 e, desde então, participa anualmente das celebrações de São João.

O Favela Cultural, ele é um projeto idealizado para poder abranger todo tipo de cultura. A gente traz desde o frevo até o hip hop, tudo misturado, aí a gente fez um mutirão de grafite no paredão da entrada do córrego, a gente colocou aula de frevo, aula de zumba, aula de hip hop, de todo movimento hip hop, no caso rap, grafite, dança, tudo. A gente também trouxe poesia cantada, com dois poetas aqui da comunidade. (*Lucas, sobre o Favela Cultural*).

Verifica-se no trecho em destaque os pilares idealizados por Barbosa (2010), no qual os moradores demonstram interesse em mostrar suas artes nos projetos idealizados. Eles se sentem seguros e valorizados, pois diante das várias representações artísticas existentes eles estão livres para expressarem as suas.

De certa forma, essas ações culturais contextualizam e fazem com que as pessoas se sintam parte da história da comunidade, proporcionando uma releitura do espaço físico, afetivo e das imagens sociais. De forma complementar, essas iniciativas conectam os moradores a outras formas de arte, como as sessões de cinema realizadas na comunidade, democratizando a arte e sua história como um direito de todos, conforme apontam Azevedo e Araújo (2015). Ao treinar esses olhares para enxergar o valor no que é palpável e acessível — e não apenas no distante, elitista ou restrito a museus e cinemas tradicionais —, essas ações tornam os moradores parte ativa do processo, fazendo-os sentir-se peças importantes e pertencentes àquele espaço.

Além desses projetos, falamos sobre a Jenipapoteca, uma geladeira

comunitária de livros, onde os moradores pegam emprestado e doam novos. A ideia é que a geladeira sempre funcione como um espaço aberto e colaborativo, promovendo esse hábito de leitura aos moradores e incentivando essa troca livre. Essa dinâmica fortalece essa circulação do saber, democratizando o acesso à cultura e à educação no bairro do Córrego do Jenipapo, identificadas como necessárias pelo fundador do coletivo.

Também conversamos sobre projetos futuros e um deles é uma Cantata de Natal para encantar e também fazer as pessoas terem orgulho das comemorações de fim de ano dentro da comunidade.

Isto posto, o Lucas comentou sobre uma ação realizada durante a pandemia em que eles arrecadaram alimentos e outros materiais para ajudar as vítimas da enchente ocorrida em 2022, em Recife, Pernambuco:

... No dia que a gente estava arrecadando alimento para poder entregar na época da pandemia, Davi disse, eu não posso ajudar com muita coisa não, mas está aqui, uma sacola de cordéis. (*Lucas, sobre uma ação na época de pandemia*).

No trecho acima, podemos ver a importância da organização em grupo, na qual, segundo o pensamento de Pichon Rivière (1977), percebemos que o planejamento é fundamental para que as ações sejam realizadas e possam promover transformações sociais e uma diversidade cultural. Neste caso, o Davi doou cordéis para serem vendidos a R\$1, uma igreja cedeu espaço para essas arrecadações, produção de cestas básicas e cachorro quente, unindo-se a integrantes do Terreiro Roça Oxaguiã Oxum Ipondá em uma só missão: ajudar o próximo.

Essa contribuição dos moradores do bairro nas atividades promovidas pelo coletivo, reforça a participação de maneira efetiva nos projetos existentes. Ademais, esses espaços criados pelo coletivo fortalecem os laços culturais e sociais, sendo uma forma de valorização da identidade cultural local.

5.2 ENGAJAMENTO SOCIAL E PARCERIAS

Neste eixo identificamos ações voltadas para o fortalecimento das políticas

públicas locais e colaborações com organizações locais e externas, como o SESC, baseando-se em trechos da entrevista com o Lucas.

Destacamos aqui o diálogo de membros do coletivo com a prefeitura, por meio do qual os mesmos conseguiram construir a primeira creche da comunidade, a Foco no Saber. Esta instituição abriu oportunidades de trabalho para os moradores do bairro, incluindo socialmente e favorecendo mães solo, as quais sustentam os próprios filhos e não tinham onde deixá-los. Além disso, o espaço é o lugar base para reuniões do próprio coletivo, ajudando na organização para algumas ações durante o ano, mas podendo ser utilizado apenas aos sábados ou quando não há atividades ou eventos na creche.

... A gente tem essa questão com a gente, e a gente hoje também tem uma cadeira na Secretaria Executiva de Juventude da cidade. Nós somos conselheiros de juventude da cidade. E aí a gente sempre tá pautando essas coisas, principalmente pra juventude... *(Lucas, sobre como eles pautam as necessidades e direitos básicos na comunidade).*

O engajamento do coletivo vai muito além das atividades culturais, habitando na esfera da Secretaria Executiva da Juventude, expandindo a influência do Jenipapo em Foco e sua capacidade de promover mudanças e transformações no bairro. Mas surge uma questão: como essas demandas chegam a eles?

...a gente tem o WhatsApp da gente, o WhatsApp do coletivo e também tem a própria página, que a maioria das pessoas mandam mensagem na página. *(Lucas, sobre como coletam as demandas sociais no Córrego do Jenipapo, através do Whatsapp e Instagram).*

Logo, as redes sociais e o “boca a boca” desempenham um papel importante na conexão entre o coletivo e os moradores de diferentes faixas etárias, facilitando a comunicação quando há necessidade de ajuda, ou para anúncios e denúncias. Essa confiança foi construída ao longo de uma década de existência do Jenipapo em Foco, criando um ciclo de colaboração mútua. Essa interação molda as ações do coletivo de acordo com as necessidades da comunidade, promovendo a atuação ativa dos moradores.

De acordo com Vieira (2018), a organização nas ações do coletivo contribui para resultados eficientes. Nesse contexto, a conscientização política promovida pelo coletivo é essencial, pois reforça a democracia nas escolhas individuais e o

diálogo mútuo.

Um exemplo dessa atuação é a parceria com o SESC, que trouxe para o bairro o projeto Território Comum, já existente em outras cidades como Maceió. Esse será o primeiro evento do projeto em Recife. O Território Comum é uma iniciativa que valoriza a arte e a cultura locais, promovendo um festival que destaca a produção da comunidade. A escolha do Córrego do Jenipapo e do Coletivo Jenipapo em Foco para essa colaboração reforça a credibilidade do coletivo, ampliando sua capacidade de atrair investimentos externos.

A partir do conceito de Território Comum, o coletivo reconheceu semelhança com seu projeto anterior, o Favela Cultural. Como o nome sugere, o Território Comum busca a participação de toda comunidade. Mesmo com algumas preocupações, o Coletivo Jenipapo em Foco abraçou a ideia, unindo a oportunidade de realizar um novo festival com a busca por parcerias. Esse movimento fortaleceu ainda mais o papel do coletivo como agente de transformação e desenvolvimento no bairro. O evento Território Comum está previsto para 2025, e há grande expectativa que seja tão bem-sucedido quanto o Favela Cultural, realizado uma única vez anteriormente no Córrego do Jenipapo.

5.3 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO CULTURAL

Neste eixo, buscamos trechos sobre oficinas, pessoas ou projetos voltados para a formação artística de crianças, jovens e adultos, como grafite e lambe-lambe.

Observamos a partir das entrevistas que há uma educação e formação cultural, que leva em consideração os saberes de grupos ou moradores da própria comunidade. Não é porque as atividades não acontecem na escola que não há planejamento envolvido. O planejamento acadêmico, estudado formalmente na escola, também se manifesta nas formas de organização da comunidade. Quando alguém se encarrega de organizar uma oficina ou preparar um espaço, isso também é uma forma de planejamento. Ensinar uma criança a tocar um instrumento, por exemplo, envolve intenção educativa, demonstrando que o ensino e a educação não se limitam ao ambiente escolar. Sabendo disto, como essa educação e

formação cultural acontecem?

A partir de iniciativas individuais e de grupos locais, a exemplo, do artista Davi Teixeira que é um poeta, cordelista e artesão morador do bairro, o qual distribui cordéis em escolas visando a continuidade de uma tradição, para que as pessoas conheçam o poder desse gênero textual e não só ele como figura artística. Para Davi, pouco vale se seus cordéis já foram traduzidos para diversos idiomas, incluindo o japonês, alemão ou francês, o que vale é o poder desses versos contagiando da criança ao adulto ou idoso, a ponto de despertar neles o desejo de escrever os próprios folhetos de cordel.

Para Davi, o deslumbramento provocado através do outro conhecer a literatura de cordel é essencial, é uma missão de vida, isto é percebido nas entrelinhas do que foi dito pelo Lucas, em relação a essa figura notável. Distinguimos em suas falas um certo contágio poético, das quais emanam sobre o Davi Teixeira uma das visões de arte mais belas, também presentes em Barbosa (2010), a do encantamento, deslumbramento através das palavras e gravuras dentro desse tipo de literatura. Além de trazer consolo ao artista, que saberá que, mesmo após sua partida, as pessoas não terão esquecido desta arte aprendida muitas vezes de pai para filho, guardando lembranças do que já foi escrito e ainda poderá significar algo profundo para alguém, mesmo sem a presença corpórea do artista.

É um cara massa, que ajuda a comunidade, que tem esse interesse de não deixar a cultura morrer aqui na comunidade, porque quando ele leva para uma escola dessa o cordel para apresentar, ele quer que a comunidade não conheça só ele, ele quer que a comunidade conheça o cordel, para não deixar o cordel, a literatura de cordel, morrer, ele quer que a juventude, as crianças conheçam isso. (*Lucas, em relação a Davi Teixeira*).

Tal qual Davi Teixeira quer passar uma tradição, o Maracatu Nação Tupinambá, do próprio Córrego do Jenipapo, promove oficinas com a mesma missão, voltando-se ao ensino de instrumentos e ao falar sobre a importância dessa manifestação cultural, em sua sua força religiosa, ancestral e de resistência em uma sociedade ainda tão intolerante religiosamente.

O Maracatu Nação Tupinambá. É do Córrego do Jenipapo. A gente tem o Maracatu aqui dentro do bairro. Tipo, muita gente não se interessa pelo Maracatu. Até por questões religiosas. Porque a galera é intolerante pra caramba. Aí não quer. Mas sempre tem aquela galera que quer aprender a

tocar Maracatu. (Lucas, sobre o Maracatu Nação Tupinambá).

Ou seja, há uma educação social e produção de conhecimento, pois os que aprendem, repassam para outros e a tradição do Maracatu e, conseqüentemente, intolerância ou racismo religioso podem diminuir em uma comunidade predominantemente cristã, pelo simples fato de conhecer, evitando assim pré-julgamentos. E por que racismo religioso? Pois, quando direcionado a uma manifestação cultural religiosa afro-brasileira pode entrar em pauta outras questões, incluindo étnicas, que não vamos nos aprofundar neste artigo.

Por outro lado, é um trabalho de formiguinha, contudo, essencial para formação de um ser, uma pessoa que percebe-se parte dessa diversidade. Para Barbosa (2010), perceber-se dentro dessa diversidade cultural e religiosa é essencial não só para a educação e sim para a arte, sem ela o fazer artístico pode ser vazio de sentido, sem ela de onde vem nossas referências a não ser apenas do íntimo, do simples se expressar por se expressar sem ter criticidade para ver e ler os diferentes universos a nossa volta?!

Nesse sentido o Tiago⁴, o segundo entrevistado, nos fala sobre o projeto *Spray de Barro*, relacionado a grafiteagem, o qual coloriu grande parte da comunidade, com autorização dos moradores. Para mais, ele comentou sobre uma oficina de lambe-lambe e outras oficinas planejadas:

vai acontecer uma oficina de lambe-lambe, tu sabe o que é lambe-lambe? Lambe-lambe é uma modalidade de grafite que é usando colagem, você faz o que você quiser fazer, usa a colagem de jornal, o desenho mesmo, recorta e cola com cola diluída na água, esse é um processo de lambe-lambe, vai ter uma oficina também de fotografia e uma oficina de grafite pra criança de 7 a 14 anos... (Tiago, sobre a Oficina de Lambe Lambe que foi adiada para janeiro).

Podemos explorar essa iniciativa como ferramenta para uma alfabetização visual, por proporcionar uma educação social, permitindo não só que os participantes expressem/criem sua própria arte, mas desenvolvam um olhar crítico sobre as imagens ao seu redor, sejam as sociais, as culturais ou políticas. Há uma mensagem, algo sendo dito o tempo inteiro, e quantos olhares estão preparados para ler além do que é visto?

⁴ Nome fictício, pois o entrevistado optou por manter o anonimato.

Nosso problema fundamental é alfabetização: alfabetização *letral*, alfabetização emocional, alfabetização política, alfabetização cívica, alfabetização visual. Daí, a ênfase na leitura: leitura de palavras, gestos, ações, imagens, necessidades, desejos, expectativas, enfim, leitura de nós mesmos e do mundo em que vivemos. Num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura da imagem é fundamental e a leitura da imagem artística, humanizadora. (BARBOSA, 1995, p. 63).

Nesta perspectiva, Hooks (2020) afirma que conversas e educações que não sejam apenas unidimensionais tornam-se essenciais em ambientes comunitários, escolares ou familiares, pois a partir de conversas onde todos são escutados, revela-se a nós diferentes formas de enxergar e de saber, gerando um ambiente de segurança e compaixão. Logo, quando todas as contribuições são acolhidas se gera engajamento político ou na troca e construção de novas visões de mundo e conhecimento, sendo estas cruciais para a presença do corpo e mente no mundo.

5.4 PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

Neste eixo temático refletiremos em como as ações do coletivo em parceria com moradores ajudam a fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade cultural na comunidade. Para isto, definiremos como identidade e pertencimento se correlacionam, analisando falas, principalmente do Tiago.

O sentimento de pertença a um local vai muito além de sua presença física neste espaço, como Hooks (2022) defende, transcende as memórias, perpassa a sensação de fazer parte de uma comunidade e de uma família, seja ela de laços sanguíneos ou não. É aquele sentimento que se une à identidade, onde juntos os dois são um, fazendo uma pessoa reconectar-se com uma ancestralidade cultural, social e artística ou conectar-se a uma cultura nunca antes vivenciada por ela por meio da participação ativa no espaço.

Pertencimento e identidade estão intimamente ligados também a essa nuance de sentir-se parte de um cosmos maior, parte desta constelação que age na transformação social, agindo de dentro para fora ou de fora para dentro, concomitantemente. Como já dito, também está ligada às memórias e ao que vivemos principalmente na infância e na adolescência e a como experienciamos aquele local e nos ligamos às pessoas em nossas lembranças.

Hooks (2022 s. n.) relata “um forte sentimento e uma íntima conexão com a terra”, descrevendo a sensação de pertencimento equivalente a vários aspectos da vida como a empatia aos animais, o autocontrole, a responsabilidade ambiental, a deliberação consciente, o equilíbrio, a expressividade, a mutualidade, o igualitarismo, e acrescentaríamos a fala dela: a equidade. Ela continua dizendo que além disso há a afinidade com modos alternativos de conhecimento, ludicidade, inclusão, resolução não violenta de conflitos e mente aberta.

Todas essas características aplicam-se a funções de um coletivo, de um grupo. Isto posto, o coletivo Jenipapo em Foco colabora muito para essa formação de identidade e pertencimento das pessoas, principalmente jovens, por meio de projetos como o *Spray de Barro* e o Favela Cultural, fazendo pessoas sentirem-se parte daquele local por meio da sua participação ativa, expressando as suas diferentes linguagens artísticas.

Por exemplo, o Tiago, um dos membros do coletivo e idealizador do projeto *Spray de Barro*, fala muito sobre a sensação de ter iniciado algo que vai além do que planejava no início, pois em um momento da entrevista perguntamos a ele sobre o projeto, o qual iniciou-se com pouquíssimas pessoas, umas sete ou oito, e chegou a outras edições com o triplo ou mais. O sucesso foi tanto que eles planejam uma nova edição para 2025.

O investimento que acontece é nós por nós mesmo, um pode dar um cal, outro dá um trocado pra comprar umas frutas, uma família dá um pacote de guaraná... A gente pede apoio de tinta, vai nos armazéns... Se não tiver também o apoio, a gente vai fazer igual, com as ferramentas que a gente tem em mãos. (Tiago, sobre investimentos no projeto *Spray de Barro*)

Na fala acima percebemos um sentimento de que faltam realmente investimentos financeiros políticos dentro da comunidade para as pessoas expressarem as suas diferentes linguagens artísticas e culturais, sendo necessário um movimento de “insistência”, de ser e reexistir, por meio de uma coletividade que representa a cultura do lugar, bem expressado por Hooks (2022). Essa cultura iniciada pelos próprios jovens da comunidade para que as pessoas pudessem expressar-se com total liberdade, é notada não só por por meio do projeto *Spray de Barro*, mas através dos outros projetos que são feitos ou pelo coletivo Jenipapo em Foco ou em parceria com o mesmo em um ato de resistência.

Logo, em relação ao *Spray de Barro*, dialogamos também com duas moradoras, as quais chamaremos de Dona Maria e Dona Soares⁵, perguntando a opinião delas sobre o coletivo e a ação de grafiteagem realizada nos muros de algumas casas do bairro.

O coletivo Jenipapo em Foco, no meu ver, é de suma importância aqui na comunidade. Por quê? Porque atende primeiro a demanda das pessoas que perdem documentos e as pessoas que encontram vêm aqui entregar e o coletivo fica responsável de entrar em contato com a pessoa, o dono, o proprietário do documento, e eles ficam sabendo e vêm pegar aqui na residência. É muito importante. E também o que acontece assim na comunidade, as coisas que acontecem. E outra coisa que eu acho muito importante é que eles também, em parceria, ajudam as famílias carentes daqui com donativos, com cestas básicas. (Trecho da fala de Dona Maria sobre o coletivo)

Eu achei muito importante. Achei importante porque não é toda pessoa que faz. A pessoa que faz isso tem que ter um dom, uma vocação, um dom para fazer. Aí eu achei interessante. Só pedi que fizesse uma coisa mais simples, que realmente eles fizeram. E eu achei interessante isso aí. Acho bonito. É um dom que eles têm e é muito importante. (Trecho da fala de Dona Maria sobre a ação de grafiteagem)

Foi muito importante para o povo do Córrego do Jenipapo, porque a grafiteagem não deixou que as pessoas destruíssem os muros da casa, porque a maioria era pichada, só pichando os muros. Depois da grafiteagem, melhorou muito. Ninguém mais sujou o muro e o povo do Córrego do Jenipapo gostou muito da grafiteagem[...] É bem participante, comunicativa e também democrática. Eles só fazem quando a gente autoriza, entendeu? Fazer, aí, quando a gente autoriza, ele faz. Se não autorizar, ele não faz. São muito democráticos. (Trecho da fala de Dona Soares sobre a ação de grafiteagem)

Elas veem o coletivo de forma mais assistencialista, contudo, também valorizam a estética do trabalho de grafite em seus muros e as melhorias, promovidas pelas ações do coletivo no âmbito cultural e social, principalmente em relação à pichação.

Ademais, ao conversar sobre o *Spray de Barro* e essa ação realizada em parceria com o coletivo, perguntamos ao Tiago os critérios de escolha dos desenhos, se havia um porquê, pois eles apresentam uma enorme diversidade com imagens de rostos e de natureza e pedimos para ele falar um pouquinho sobre essas artes.

Eu acho que cada um faz o que quer mesmo, o que tá na sua alma, o que quer colocar pra fora, o que tá nas suas ideias... A escolha dessas artes não existe escolha... Cada um que chegue, que traga a sua arte, sua energia e

⁵ Nome fictício, pois as entrevistadas optaram por manter o anonimato.

faça acontecer as coisas... Tipo assim, eu fico feliz porque a comunidade em si, ela abraça, né, a causa. Eu desci duas semanas antes, conversei com as pessoas, falei sobre o projeto em si do *Spray de Barro*, aceitaram numa boa, a gente demarcou o território que ia ser pintado e pôs as ideias pra frente... (Tiago, sobre o grafite feito nas ruas e casas da comunidade)

Figura 2: Muro da casa de uma das moradoras do Córrego do Jenipapo



Fonte: Ana Luiza do Nascimento Vieira

Figura 3: Muro da casa de uma das moradoras do Córrego do Jenipapo



Fonte: Ana Luiza do Nascimento Vieira

Percebemos aqui uma forte influência da criação artística livre, isso faz as críticas sociais surgirem, por conta das pessoas realmente expressarem aquilo que

sentem por meio de uma linguagem visual, contando uma história, um sentimento ou apenas um devaneio por meio da grafiteagem. É algo além do embelezamento estético e sim uma expressão significativa de pertencimento e de extensão do próprio ser.

Logo, a importância das ações do coletivo incluem as pessoas, não só em ações ativas e assistencialistas, mas por meio do acesso cultural, por existirem ainda projetos de acesso ao cinema na comunidade, a Jenipapoteca, uma geladeira cheia de livros e outras ações e oficinas na comunidade que pode levar a consciência crítica das pessoas ao ambiente em que vivem ou o acesso mínimo ao lazer.

Eu fazia algo que me libertava, algo que me livrava de más pensamentos... Pessoas se identificaram, começaram a fazer também, e eu sempre achando massa isso... Eu via que de alguma forma eu impactava em outras vidas, entendesse? Então esse foi o princípio, assim, de tudo. Que não me faz parar, que dá vontade de eu fazer mais e mais, porque eu impacto em vidas que eu não tenho a mínima percepção do impacto...

(Tiago, sobre a sua influência através do projeto *Spray de Barro*)

E quantas pessoas libertam-se através da arte e da cultura? Quantas pessoas livram-se de más pensamentos por meio da sua expressividade, desta essência, desta coletividade que une um abraço caloroso e traz esse sentimento de pertença? Fazendo a pessoa encontrar um sentido para sua identidade por meio dessa participação ativa, influência direta ou indireta, inspirando irmãos e a si próprio a continuar.

Esse sentimento guia não só as pessoas do Coletivo Jenipapo em Foco, mas também profissões que precisam de resistência, por exemplo, a de professor onde temos que levar em consideração todas essas identidades vindas das comunidades, das favelas, dos lugares mais remotos e dos ambientes culturais mais diversos, planejando de forma a incluir e não excluir.

Esperamos que mais pessoas como o Tiago consigam libertar-se por meio do acesso e do incentivo a arte e cultura, seja por meio de coletivos ou por meio de políticos. Observando o poder realmente que a cultura e a arte tem de transformação social, de pertencimento e identidade desses tantos corpos oprimidos pela cultura dominante. O pertencimento tem a ver também em ser parte daquele corpo, conectando-se a ele, a sua essência, além e por meio do ambiente

e cultura local e ancestral, de acordo com Hooks (2022), pertencer é uma volta para casa, para um lar com raízes intrínsecas a nós.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações culturais e sociais promovidas pelo Coletivo Jenipapo em Foco demonstram transformações no Córrego do Jenipapo, por meio de pessoas e grupos destaque dentro da comunidade, como o Davi Teixeira e o Maracatu Nação Tupinambá, promovendo esse fazer cultural e artístico e atuando como poderosos canais de mobilização social e conscientização política. Embora o enfoque do coletivo não esteja especificamente na conscientização política e sim na inclusão e combate às desigualdades sociais.

Contudo, a partir da ação assistencialista, da ocupação de uma cadeira no conselho da Juventude, da intervenção essencial para a construção da primeira creche no bairro, do incentivo à denúncia e a expressão artística, eles plantam nos moradores o sentimento de pertença, identidade e cuidado com aquele ambiente em que vivem. Consequentemente, de maneira não intencional, essa conscientização política e crítica sobre a realidade, acontece.

Logo, notamos nos dados coletados, um sentimento de orgulho das pessoas do Coletivo e moradores em relação a história do bairro, aos artistas locais e ao que foi feito e do que ainda virá a ser feito a partir de parcerias para ações culturais futuras. Observamos, a partir do diálogo com os moradores, a confiança conquistada em uma década de atuação pelo coletivo, colocando o grupo em um lugar de liderança, fomentando discussões e ações a partir do interesse coletivo.

Por conseguinte, este estudo reafirma a importância não só de conhecermos os coletivos e, a partir deles, as culturas das comunidades, mas também que instituições educacionais reconheçam a relevância dos coletivos como agentes de transformação social, aproximando-se assim das comunidades nas quais estão inseridas. Não falamos apenas de levar a cultura comunitária à escola ou universidade, mas sim de ampliar o campo de aprendizado levando a escola ou universidade a comunidade.

Ressaltamos a importância da escola e universidade se deslocar para fora e

oferecer aos estudantes uma vivência rica em diversidade cultural e social. Imaginem os encontros e o despertar de identidades que aconteceriam se este deslocar-se fosse comum em nossa cultura escolar? Não trata-se da formalização do ensino do grafite, do maracatu ou de qualquer outra arte produzida na comunidade, mas do oferecer voz e deixar os próprios produtores culturais e artistas, em seu ambiente, compartilharem saberes e dialogarem com os estudantes sobre sua arte e história.

Sugerimos pesquisas neste campo, focando em experiências da escola ou universidade dentro das comunidades, pois, infelizmente não conseguimos observar nenhuma ação efetiva do coletivo, coletando apenas dados a partir das entrevistas com os dois integrantes e duas moradoras. Contudo, fica evidente em nossas considerações que, a integração dessas experiências no processo educativo, contribuiria para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados com as questões de sua comunidade, favorecendo o sentimento de pertença no conhecer das raízes e herança culturais locais.

Por fim, esperamos colaborar para o surgimento de novas possibilidades de pesquisa nesse campo, que floresce a partir dos anseios de uma juventude e comunidade sedenta por transformações sociais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de; ARAÚJO, Clarissa Martins de. *Abordagem Triangular: leitura de imagens de diferentes códigos estéticos e culturais*. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 345-358, dez. 2015.

BARBOSA, Ana Mae. *Barbosa. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras*. Estudos Avançados, 1989, São Paulo, v.3 n. 7, p. 170-182, 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8536/10087>. Acesso em: 20 dez. 2023.

_____. *Arte-Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular*. Comunicação e Educação. São Paulo, v. 01, n. 02, p. 59-64. jan./abr. 1995.

_____. CUNHA, Fernanda (Org.). *Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

_____. *Imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007, 1991.

_____. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020. E-book Kindle.

_____. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Tradução de Renata Balbino. São Paulo-SP: Elefante, 2022. E-book Kindle.

KOPANAKIS, Annie Rangel; FERREIRA, Manuela Lowenthal. *A cidade e a arte: um espaço de manifestação*. 2015. Disponível em:

<https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/12935/0> . Acesso em: 25 dez. 2023.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MATUOKA, Ingrid. *Ana Mae Barbosa e a educação por meio da arte - Centro de Referências em Educação Integral*. Disponível em:

<https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educacao-por-meio-da-arte> . Acesso em: 21 dez. 2023.

OLIVEIRA, Eliane dos Santos de; CORRÊA, Vanisse Simone Alves . *Ensino de Artes: A Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa* . 14 Dez . 2018. Disponível em:

<https://revistacontemporartes.com.br/2018/12/14/ensino-de-artes-a-abordagem-triangular-de-ana-mae-barbosa/> . Acesso em: 21 dez. 2023

PICHON-RIVIÈRE, H. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Gabriela Iglezias; *COLETIVOS E INICIATIVAS EM RIO DAS OSTRAS: A importância dos coletivos culturais para a democratização da cultura e ações culturais locais*. Rio das Ostras: 2018. 40 p.